

LUÍS ANTÓNIO E FRANCISCO ANTÓNIO DE SOUSA DOIS AMARANTINOS EM S. PAULO, BRASIL

Por: José Pinto da Cunha ©

LUÍS ANTÓNIO DE SOUSA

Uma das principais artérias de S. Paulo, Brasil, mega-cidade com mais de doze milhões de habitantes e a oitava maior do mundo, homenageia um amarantino que foi militar e grande comerciante e proprietário na antiga Capitania Real de S. Paulo.



Avenida Brigadeiro Luís António

A Avenida Brigadeiro Luís António, com extensão de cerca de 5,4 quilómetros, cruza com a famosa Avenida Paulista e, a par de prédios modernos, ainda conserva bastantes edifícios do século XIX e inícios do século XX. Nela localizam-se alguns teatros, hospitais, repartições públicas e muitos estabelecimentos culturais, comerciais e financeiros, entre os quais a sede do Grupo Pão de Açúcar. Foi aberta em 1894 pela baronesa de Limeira em terrenos que pertenciam à família Sousa Queirós sobre a antiga Rua de Santo Amaro, tornando-a bastante mais extensa. Rodeada de “bairros jardins”, predominavam nessa época os palacetes, a maior parte já demolidos. Em 1900 foi inaugurada uma linha de carros eléctricos e nos anos seguintes essa avenida teve grandes obras de ampliação, beneficiação e consolidação urbana.



Rua do Seixedo

Luís António de Sousa nasceu na Rua do Seixedo, freguesia S. Gonçalo da vila de Amarante, a 7 de Janeiro de 1755. Foi o segundo, de cinco filhos, de José Luís de Sousa e de sua mulher Ana Maria de Macedo, que tinham casado na mesma freguesia três anos antes.ⁱ

Os pais, apesar de não terem fortuna, reivindicavam parentesco com famílias nobres da região, nomeadamente, as dos Queirós, Macedos e Sosas.

José Luís de Sousa, natural da freguesia de Sanche, nasceu no lugar do Paço a 10-12-1725, sendo filho de Manuel Francisco de Sousa e de Maria de Sampaio, neto paterno de Domingos Vaz, falecido em 1739 sem assistência religiosa, pelo que os herdeiros foram multados pelo pároco em 500 reis, e de Ana Francisca, e materno de Manuel de Sampaio e Paula Martins.

Ana Maria de Macedo tinha nascido a 18-3-1725 na Rua de S. Pedro, Amarante, e foram seus padrinhos de baptismo o licenciado Jacinto Teixeira de Magalhães, da Casa de Pascoaes, Gatão, e uma vizinha, Ana Maria, filha de Gonçalo Peixoto de Vasconcelos, da casa da Portela. Era filha de Manuel Teixeira Flórido e Luísa de Sousa Macedo, casados a 26-08-1722 na igreja de S. João de Gatão, freguesia vizinha de Amarante, donde ambos são naturais, como consta nos assentos de baptismo dos netos. Pela parte paterna era neta do padre Gaspar Ribeiro Teixeira (1642/1701), natural e morador em Amarante, e de Maria de Arnoia, mulher solteira.

Os seus avós maternos, Tomé Pinto e Maria de Sousa Macedo, moraram no lugar da Quintã, também em Gatão, e tinham ambos falecidos em 1708 com tantas dívidas que os filhos renunciaram à herança.ⁱⁱ No entanto, esta Maria de Sousa aparentava-se com abastados lavradores de Gatão e Salvador do Monte.

Luís António e o irmão Francisco António emigraram para o Brasil por volta de 1775 e estabeleceram-se algures na capitania de S. Paulo. Ambos começaram por transitar mercadorias entre S. Paulo e Santos. Tornaram-se tropeiros (condutores de bestas de carga), levando bens alimentares, por mais de mil e quinhentos quilómetros de caminhos inóspitos, para a região de Cuiabá, actual capital do estado de Mato Grosso, onde, no início do século XVIII, tinham sido descobertas importantes jazidas de ouro. Tiveram grande sucesso neste negócio com os garimpeiros e, em pouco tempo, de tropeiros passaram a organizadores dessas expedições e proprietários das mulas que compravam na grande feira anual de Sorocaba. Sabe-se que em 1779 residiam em Pinheiros, nos arredores da cidade de S. Paulo. Diz-se que ambos omitiram o apelido Queirós para não beliscar os pergaminhos fidalgos desse ramo da sua família, atendendo à profissão pouco considerada que tinham.



Tropeiros

O tropeiro é o sucessor directo do sertanista e o precursor, em muitos pontos, do grande fazendeiro – Sérgio Buarque de Holanda.

Luís António emprestava dinheiro e aceitava empréstimos/depósitos, feitos pelos clientes que recorriam às suas mulas para transportar mercadorias, sobre os quais pagava juros anuais, iniciando deste modo com sucesso um sistema bancário até aí desconhecido na província.ⁱⁱⁱ

Os negócios dos dois irmãos floresciam, ambos enriqueceram e, a partir de 1785, já tinham delegações comerciais noutras capitanias, no Rio de Janeiro, Lisboa, Porto e Amarante, sendo nesta última localidade representados pelo irmão mais velho, Manuel Caetano de Sousa, a quem enviavam dinheiro para investimentos e auxílio aos parentes.^{iv}

Em 19-03-1786 alistou-se como tenente agregado de cavalaria do Regimento de Milícias e Dragões de Itu, cidade do estado de S. Paulo fundada em 1610, onde então se estava a desenvolver a produção de açúcar. Rapidamente subiu na hierarquia militar pois, onze anos depois, era promovido a coronel, comandando o regimento de milícias de Sorocaba, o que poderá evidenciar não só a fortuna que já detinha, como a sua origem nobre, pois, no antigo regime, essa patente estava reservada a fidalgos.

Nesse período foi guarda-mor da Casa da Fundição de Ouro de Cananeia, arrematou vários contratos de arrecadação de impostos, emprestava dinheiro, negociava com tropeiros, carregava navios com açúcar e importava mercadorias.

A 19-09-1797, Luís António, que já tinha dois filhos naturais e era considerado o homem mais rico de S. Paulo, casou-se em Itu, a conselho do irmão Francisco, com Genebra de Barros Leite, nascida nessa localidade a 5-10-1782. Era filha do influente capitão António de Barros Penteadado e de Maria de Paula Machado, descendentes de portugueses há muitos anos radicados no Brasil. António de Barros era proprietário em Itu de terras e de três engenhos de açúcar, que adquirira à custa de uma arroba de ouro obtido nas minas de Melgueira, e mantinha estreitas relações familiares com a nobreza paulista.



Palacete de Luís António na R. do Ouvidor (à esquerda)

Foi então viver para a Rua do Ouvidor, em S. Paulo, numa grande casa na esquina com a Rua de S. Bento que se destacava das restantes:

“ ...o enorme casarão do Brigadeiro Luiz António de Souza, um dos mais opulentos vassallos do Brasil, em princípios do século XIX, e possuidor da maior fortuna da Capitania”.^v

Aí estabeleceu a sede dos seus negócios, que agora eram facilitados por via do prestígio e influência do sogro e dos cunhados, e começou a investir a sua fortuna. Sozinho, ou em sociedade, comprava terras, obtinha sesmarias (sistema de concessão pelo Estado de terras para fomento da agricultura), e adquiria engenhos de açúcar. Entre 1798 e 1800 tinha terras de sesmarias em Porto Feliz e no distrito da Vila de Mogi Mirim, comprou o latifúndio Tapera e várias fazendas, entre as quais Atibaia (ou Fazendinha), Jurema, S. Vicente de Anhumas e Quilombo, tornando-se um dos maiores proprietários rurais e produtor de açúcar da província.

“Dom João, por Graça de Deus Príncipe Regente de Portugal e dos Algarves...Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que atendendo a me representar o Coronel Luiz António de Souza, morador desta cidade, que ele deseja estabelecer um Engenho de açúcar e fábrica de Agricultura para sustentação de sua numerosa família e por isso pretende ... lhe conceda por Sesmaria na Barra, que faz o rio Sorocaba no Tietê da parte esquerda do dito Sorocaba, indo por ele abaixo, fazendo pião na dita Barra, e daí para baixo légua e meia e outro tanto para cima, com uma légua de sertão, visto se acharem devolutas...Hei por bem dar de Sesmarias... ao dito Coronel Luiz António de Souza as terras que pede... com declaração que as cultivará... e será obrigado a fazer os caminhos de suas testadas com pontes e estivas, onde necessário for ... Dada na Cidade de Lisboa a treze de novembro. Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa e nove...”^{vi}



Fazendas Atibaia ou Fazendinha e S. Vicente (Campinas)

Numa dessas fazendas, situada em Campinas, construiu uma grande casa com muitos quartos onde chegava a hospedar dezenas de convidados. Nos arredores de S. Paulo transformou também terrenos incultos em chácaras (quintas de recreio), que mais tarde seriam extremamente valiosos com a expansão da cidade.

“O principal senhor de engenho é o Coronel de Milícias Luiz Antônio, morador de São Paulo, homem ajudado pela fortuna de um modo espantoso, e que possui uma das mais sólidas casas do Brasil; só ele, em Campinas, tem dezasseis engenhos, um dos quais lhe rendeu em 1817, nove contos de réis; a sua colheita anual não desce de trinta mil arrobas de açúcar, e a renda da sua casa anda em oitenta mil cruzados. Além desta, existem outras de bons fundos.”^{vii}

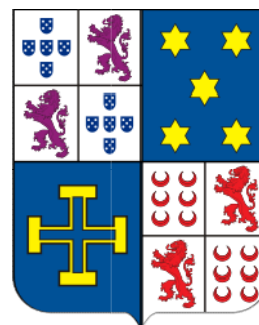
No porto de Santos construiu grandes pavilhões para armazenar o açúcar, que exportava para a Europa, e as mercadorias, principalmente tecidos e outras fazendas secas, que de lá importava e vendia por atacado. Luís António *“trata-se à lei da nobreza, e é ele talvez um dos principais negociantes deste Reino; e que tem a propriedade de uma Galera, a primeira que, com cargas desta Capitania, saiu do porto de Santos para o de Lisboa, animando o comércio e manejando avultados cabedais, por cujo motivo tem pago grandes somas de direitos, tornando-se desta maneira um vassallo muito útil ao Estado”.*^{viii} Em 1803, já tinha vários navios que começaram a viajar directamente entre Santos e as cidades de Lisboa e Porto e negociava com a Companhia do Alto Douro.

Nas memórias da família consta que, durante a Guerra Peninsular, o coronel Luís António formou um batalhão às próprias custas, armou um dos seus barcos e veio para Portugal, combater os invasores franceses, aproveitando para visitar e auxiliar a família.

Foi dos principais accionistas da Real Fábrica de Ferro de S. João de Ipanema, fundada por carta Régia de 4-12-1810, com capitais da Coroa e de privados, que laborou até 1926 e teve uma importância vital para o progresso de S. Paulo e para a produção de material bélico usado na guerra contra o Paraguai entre 1864 e 1870. Continuava, porém, a investir em terras e em 1815 possuía mais fazendas em Boavista e nos Campos da Baía.

Em 1816 financiou a sociedade “*Vergueiro & Souza*” que formou com o advogado Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (1778/1859) para adquirir mais terras de sesmarias e exploração agrícola com criação de gado e produção de açúcar e aguardente. No ano seguinte já possuíam fazendas em Itu e Piracicaba com várias dezenas de milhares de hectares, para as quais começaram a contratar trabalhadores europeus que substituíam os escravos negros. Nicolau Vergueiro era natural de Vale da Porca, Macedo de Cavaleiros, licenciado em Direito e um grande defensor do trabalho livre e do fim da escravatura no Brasil. Em 1822 foi deputado nas Cortes de Lisboa pela província de S. Paulo,^{ix} onde defendeu a autonomia brasileira, posição que o levou a não assinar a primeira Constituição Portuguesa e a regressar ao Brasil no fim desse ano. Fez parte da primeira Regência que governou o país após a abdicação de D. Pedro I em 1831, sendo depois várias vezes ministro e senador. Seria acusado pelo governo português de desertificar regiões do seu país de origem ao promover a imigração em massa de famílias para o Brasil a quem oferecia transporte e contratos de trabalho aliciantes.

Em recompensa dos serviços prestados à Coroa, Luís António foi, segundo alguns historiadores, agraciado com grau de cavaleiro das Ordens Militares de Cristo e da Torre e Espada. * A 5-2-1818 recebeu a mercê de Carta de Brasão de Armas de Sosas (do Prado), Macedos, Teixeiras e Queirós, conforme um registo contido a página 80 do livro 1 (desaparecido) do Cartório da Nobreza. Este brasão foi mais tarde confirmado e autorizado para ser usado pelos filhos, os barões de Limeira e de Sousa Queirós, e consta que estaria colocado numa das igrejas da sua terra natal.^{xi}



Uma das suas últimas missões militares foi a de organizar, por ordem do governo de S. Paulo, uma monção (expedição fluvial) entre Porto Feliz e Cuiabá, cuja distância, de mais de 1.500 km se transformava no dobro para aproveitar a navegabilidade de vários rios, era percorrida durante quatro a seis meses:

“Tendo de partir da Vila de Porto Feliz uma Expedição para o Cuiabá, conduzindo pelo Rio vários Petrechos de Guerra, que Sua Majestade para ali Manda: Determinamos a V. S. passe as mais positivas Ordens, e sem perda de tempo, ao Comandante das Companhias do Regimento do seu Comando aquarteladas naquela Vila, para que o Capitão-Mor da mesma possa utilizar-se dos milicianos, que Sua Majestade para ali Manda: Determinamos V. S. passe as mais, não só das que forem próprias para a Expedição, como das que lhe forem mister, para guarda dos Armazéns, em que devem seguir na mencionada Expedição. Deus guarde a V. S. - S. Paulo, 13 de abril de 1818 – D. Mateus Bispo – D. Nuno Eugênio de Lóssio e Seilbliz – Miguel José de Oliveira Pinto”.^{xii}

Terminou a carreira militar, a 16 -12-1818, reformado com a patente de brigadeiro.

“El-Rei Nosso Senhor foi servido por decreto de 16 de dezembro ultimo, conceder a V. S. Reforma no Posto de Brigadeiro sem soldo o que participamos a V. S. para sua inteligência e para que mande solicitar a sua Patente – sem a qual não gozará deste Despacho. Deus guarde a V. S. - S. Paulo 12 de janeiro de 1819. Dom Mateus Bispo - D. Nuno Eugênio de Lóssio e Seilbliz – Miguel José de Oliveira Pinto”^{xiii}

A par dos seus negócios foi também filantropo, contribuindo com enormes quantias para muitas das principais instituições de S. Paulo, como a Santa Casa da Misericórdia, a Legião de Voluntários, o Hospital Militar e o Jardim Botânico.

Quando faleceu em S. Paulo, a 30 de Maio de 1819, tinha uma renda anual de 32 contos e a sua fortuna estava avaliada em 750 contos. O inventário contava cerca de duas mil páginas. Os bens de raiz, que incluíam, além do palacete da Rua do Ouvidor, catorze casas, dezasseis engenhos de açúcar, duas enormes fazendas e vários outros latifúndios, somando um total de 19 propriedades rurais e 17 urbanas, incluindo os 613 escravos que nelas trabalhavam constituíam 25 % dessa fortuna. Num terço foram avaliadas as grandes quantidades de açúcar e outras mercadorias em armazém. O restante correspondia a dinheiro vivo, participações em sociedades e empresas, rendas, títulos diversos e acções do Banco do Brasil. Foi sepultado em S. Paulo com o hábito de S. Francisco na igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco.

Seis dias antes de falecer fez testamento no qual expressou a vontade de constituir morgadios das suas terras para os filhos e deixou vários legados pios. Nomeou o seu sobrinho e genro, Francisco Inácio de Sousa Queirós, testamenteiro, tutor dos seus filhos menores e administrador dos bens.



Igreja de S. Gonçalo – S. Paulo



Misericórdia de Amarante

Metade da terça foi distribuída pela Misericórdia de S. Paulo, vários conventos, igrejas e outras instituições religiosas da cidade, entre as quais a igreja de S. Gonçalo e, de uma forma inédita, a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, da comunidade africana.

A outra metade, no valor de oito contos, destinou-a aos pobres e à Misericórdia de Amarante, sua terra natal.

“...A metade dos remanescentes da minha Terça será remetida para o Reino de Portugal a meu irmão o Coronel Francisco António de Souza, e [se] ausente, a meu irmão Manoel Caetano de Souza, para estes darem metade á Santa Casa da Misericórdia da Vila de Amarante, minha pátria, para curativos e Sustentação dos Pobres Enfermos; e a outra metade para repartirem por Pobres, atendendo em primeiro lugar os que forem meus Parentes...”^{xiv}

Do casamento de Luís António de Sousa com Genebra de Barros Leite nasceram, segundo alguns historiadores onze filhos. Mas, à data da sua morte, apenas constam seis que constituíram gerações de grandes proprietários rurais e produtores de café, que substituiu o açúcar, de filantropos e de protagonistas na política brasileira do século XIX, ocupando importantes cargos quer na província de S. Paulo, quer na administração central, intervindo, nomeadamente, a favor do liberalismo e da abolição da escravatura:



Francisca Miquelina



Ilídia Mafalda



Francisco António



Luís António



Vicente

- 1- Francisca Miquelina de Sousa Queirós que terá nascido em 1799 ou, segundo outras fontes, em 1803. Casou cerca de 1818 com seu primo, o coronel Francisco Inácio de Sousa Queirós, filho de Francisco António de Sousa Queirós e de Isabel Inácia da Conceição Álvares Leitão, que ficaria conhecido na história do Brasil pela insurreição militar que liderou designada "*Bernarda de Francisco Inácio*" (ver adiante). Veio para Portugal com o marido e a filha mais velha e viveu no Porto onde nasceram mais dois filhos. Julga-se que faleceu em Portugal, numa das propriedades que aí possuía, pouco depois da morte de Francisco Inácio, tendo as duas filhas, ainda menores, ficado a cargo dos tios, os marqueses de Valença. A rua Francisca Miquelina recorda-a em S. Paulo.
- 2- Ilídia Mafalda de Sousa Queirós (1805/1877) casada com Estevão Ribeiro de Resende, juiz de fora em Palmela (Portugal) e em S. Paulo, desembargador da Relação desta cidade, ministro da Justiça em 1827, marquês de Valença em 29-11-1829, senador, e conselheiro de Estado. Com geração.
- 3- Francisco António de Sousa Queirós (1806/1891). Com treze anos veio estudar para Portugal e chegou a cursar Direito em Coimbra (matrícula em 18-10-1824), mas não concluiu o curso porque regressou ao Brasil para assumir os negócios da família, após a queda em desgraça do coronel Francisco Inácio e segundo casamento da sua mãe. Coronel da Guarda Nacional e comendador, foi ele próprio grande proprietário rural e empresário imobiliário, sendo dono de mais de 110 casas. Desempenhou o cargo de presidente interino da província de S. Paulo, e tornou-se um dos chefes históricos do Partido Liberal, sendo o senador do Império que mais tempo esteve no exercício desse cargo (1849 a 1891). Fundou um banco, companhias ferroviárias e fluviais e instituições sociais (entre os quais o Instituto D. Ana Rosa) e foi membro dos Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro e de S. Paulo. Tal como o sogro, era grande defensor do trabalho livre e do fim da escravatura. D. Pedro II agraciou-o com o título de barão, com grandeza, de Sousa Queirós (21-10-1874).
A esposa, Antónia Eufrosina de Campos Vergueiro, filha do senador Vergueiro, criou numa das suas fazendas uma leprosaria para doentes de origem africana. Ambos constam da toponímia de S. Paulo (Avenida senador Queirós e Rua Dona Antónia de Queirós). Dos seus treze filhos destaca-se Maria Angélica que dá o nome à Avenida Angélica.
- 4- Luís António de Sousa Barros (1809/1890) comendador e opulento produtor de café, casado com sua sobrinha Ilídia Mafalda de Resende, filha do marquês de Valença. Foi o primeiro perfeito de S. Paulo. Com geração.
- 5- Vicente de Sousa Queirós (1813/1872), barão de Limeira em 01-02-1867, político grande proprietário rural com enorme produção de café.
Casou com sua prima, Francisca de Paula de Sousa e Melo (1828/1905), filha do senador e conselheiro Francisco de Paula Sousa e Melo e de Maria de Barros Leite. Está recordado na toponímia de S. Paulo com a Alameda Barão de Limeira. Um dos seus quinze filhos, Luís de Queirós (1849/1898), fundou numa das fazendas da família uma escola superior de Agricultura, que tem o seu nome e continua a ser uma instituição de referência nessa área de ensino.
- 6- Maria Inocência de Sousa Queirós (1817/?) que faleceu solteira e possuía a grande fazenda Tapera de café, herdada do seu pai, onde construiu uma colónia para trabalhadores livres.



Viúva, D. Genebra de Barros Leite casou segunda vez em 1822 com José da Costa Carvalho (1796/1860), ouvidor em S. Paulo, membro da regência após a abdicação de D. Pedro I, deputado, presidente do Senado e do Conselho de Ministros e várias vezes ministro, agraciado em 1854 por D. Pedro II com o título de marquês de Monte Alegre. D. Genebra faleceu repentinamente a 8-8-1837 numa das suas casas de Lisboa.^{xv} O marido voltou a casar, dois anos depois, com Maria Isabel de Sousa Alvim, neta do Coronel Francisco António de Sousa.

CORONEL FRANCISCO ANTÓNIO DE SOUSA

Francisco António de Sousa, nasceu também na Rua do Seixedo, a 16-11-1756, e foram seus padrinhos Manuel de Andrade e Joana Carvalho, viúva do Campo da Feira.^{xvi}

Teve, como vimos, um percurso profissional e militar semelhante ao do irmão, o brigadeiro Luís António de Sousa.

Com o dinheiro ganho na dura vida de tropeiro adquiriu terras e construiu engenhos de açúcar, tornando-se também num grande proprietário e negociante.

Radicou-se em Itu e possuía, além de outros bens, as fazendas Rio das Pedras, Morro Alto e Santa Genebra, todas com enormes residências, e engenhos de açúcar em Campinas, entre os quais os de Boa Vista, Invernada e Morro Grande.



Fazenda Santa Genebra

“A [fortuna] do Coronel Francisco António de Sousa anda de dez, a doze mil arrobas, em cinco engenhos, quatro dos quais são próprios...”^{xvii}

Em 1798 sendo capitão do Regimento de Cavalaria das Milícias de S. Paulo, foi agraciado por D. Maria I, em recompensa dos serviços prestados, com o grau de cavaleiro da Ordem Militar de Santiago da Espada, cujo hábito tomou na catedral dessa cidade.

“Senhora. Diz Francisco António de Souza Capitão do Regimento de Cavalaria de Milícias da Cidade de S. Paulo, que V. Majestade houve por bem fazer-lhe Mercê do hábito da Ordem de S. Tiago da Espada em remuneração dos seus serviços; e porque assistindo na dita Capitania ocupado no Real Serviço de V. Majestade não pode facilmente promover as competentes habilitações e vir receber a este Reino o dito hábito e professar. Pede a V. Majestade que se digne dispensar-lhe as ditas habilitações e permitir-lhe que possa receber o hábito e professar na Sé Catedral da dita Cidade de S. Paulo.”^{xviii}

Petição que foi aceite conforme decreto real passado no Palácio de Queluz em 20-11-1798. Foi, por essa época, escrivão da Ouvidoria de S. Paulo, dois anos depois já era tenente-coronel do 2º Regimento de Cavalaria e terminou a carreira militar com a patente de coronel do mesmo Regimento de Milícias.



Rua de Sta. Catarina nº 53

Investiu parte da sua fortuna em Portugal, adquirindo prédios e quintas na cidade do Porto, em Amarante e em outras localidades da região. Naquela cidade era também proprietário de um palacete situado no início da Rua de Santa Catarina (ainda existente com o nº 53) em cujo frontispício se pode ver o seu brasão.^{xix}

Em 1816 nomeou o filho, Francisco Inácio, para administrar os seus negócios e regressou com a restante família a Portugal, para aí viver o resto da sua vida.

Sabe-se que em 1820 residia em Amarante quando, já tendo acrescentado ao seu nome os apelidos Macedo e Queirós (este último passou também a ser usado pelos sobrinhos, filhos do brigadeiro Luís António), requereu, após justificação de nobreza, a Carta de Brasão de Armas de Sosas (do Prado), Macedos e Queirós, que lhe foi concedida por D. João VI a 9 de Agosto desse ano.^{xx}



O palacete ainda não devia estar concluído quando faleceu com testamento, a 17-10-1821, na sua casa da vizinha Rua de Santo André, sendo testamenteira a esposa D. Isabel Inácia. Foi sepultado na igreja de Santo Ildefonso da mesma cidade. ^{xxi}

Casara-se, primeiro que o irmão, cerca de 1780, com Isabel Inácia da Conceição Álvares Leitão, natural de Santo Amaro. Tiveram três filhos:

- 1- O coronel Francisco Inácio de Sousa Queirós nasceu em 1782. Ainda jovem foi enviado por seu pai para Portugal, onde esteve ao cuidado do tio Manuel Caetano. Recebia uma grande mesada, que aplicou na compra de propriedades, e, em 1802, era estudante em Coimbra, quando apadrinhou em Amarante o filho de um parente. ^{xxii} Nessa cidade encontrou o seu patrício José Bonifácio de Andrada e Silva, então professor na Universidade, que viria a ser o patriarca da independência do Brasil. Durante a Guerra Peninsular ambos se ofereceram como voluntários para combater o invasor francês. ^{xxiii}



Francisco Inácio alistou-se no regimento de Infantaria 18 do Porto, onde foi alferes, e distinguiu-se em combate, o que lhe valeu a Medalha de Ouro da Guerra Peninsular, e José Bonifácio comandou o Batalhão Académico.

Regressado ao Brasil, ingressou no Batalhão de Milícias de S. Paulo, onde chegou ao posto de coronel, e assumiu os negócios do pai, que em 1816 retornaria definitivamente a Portugal.

Pouco depois casou com sua prima Francisca Miquelina de Sousa Queirós.

A *bernarda* (insurreição armada), que lhe deu um lugar na História do Brasil, resultou da disputa em maio de 1822 entre dois grupos políticos rivais que partilhavam desde o ano anterior o governo provisório da província de S. Paulo, instituído em resultado da Revolta Liberal do Porto: de um lado João de Oeynhausen, presidente da Junta de Governo, Francisco Inácio, representante do comércio, Nicolau Vergueiro e outros, apoiados pelo ouvidor José da Costa Carvalho, defensores da autonomia das províncias brasileiros e da economia tradicional; do outro lado os irmãos José Bonifácio e Martim Francisco de Andrada e o brigadeiro Jordão, adeptos da unidade do Brasil e do liberalismo económico.

O príncipe D. Pedro tomou o partido dos segundos e chamou o presidente da Junta ao Rio de Janeiro. A 23 de Maio, Francisco Inácio reuniu na Praça de S. Gonçalo as forças militares de S. Paulo e apoiado pela população da cidade impediu a partida de Oeynhausen, expulsou os rivais do governo e chefou uma revolta militar que só foi debelada perante a chegada de tropas de Santos a mando de D. Pedro. O episódio é considerado por alguns historiadores brasileiros como prenúncio da independência do Brasil, que aconteceria quatro meses depois, quando, durante a viagem de D. Pedro a S. Paulo para tomar conta da situação, deu o celebre “Grito do Ipiranga”. Quando o Príncipe foi recebido em S. Paulo recusou ostensivamente a guarda de honra e os cumprimentos de Francisco Inácio e ordenou o seu exílio no Rio de Janeiro, mas mais tarde amnistiou-o, devido à sua popularidade e prestígio militar e a pedido do marquês de Valença (concunhado de Francisco Inácio e muito influente na Corte). Em 1825 era proprietário da galera Lusitano que fazia a carreira entre a cidade do Porto e Santos. ^{xxiv} Três anos depois, já doente, viajou com a família para Portugal, fixando residência na cidade do Porto. Faleceu, a 2-11-1830, no palacete da Rua de Santa Catarina e foi sepultado na Igreja de Santo Ildefonso. ^{xxv}

Francisco Inácio e Francisca Miquelina foram pais de:

- 1.1- Genebra Miquelina de Sousa Queirós, nascida em S. Paulo, casada com o capitão Luís Ribeiro de Sousa Resende, filho dos marqueses de Valença.
- 1.2- Isabel Augusta de Sousa Queirós nascida a 13-1-1829 na Rua de Santa Catarina, Porto, sendo padrinhos Francisco António de Sousa Queirós e a avó Isabel Inácia da Conceição. ^{xxvi} Casou com o conselheiro Albino Barbosa de Oliveira.

- 1.3- Francisco que nasceu a 22-12-1829 e foi baptizado no oratório do palacete, sendo padrinhos o desembargador José de Vasconcelos Teixeira Lebre e a tia paterna Maria Inocência de Sousa Queirós. Morreu criança.^{xxvii}
- 2- Ana Maria Macedo de Sousa Queirós, casada a 23-8-1818 em Santo Ildefonso, Porto, com Joaquim Leite Pereira de Melo e Alvim, capitão-mor de Penafiel.^{xxviii} A filha, Maria Isabel de Sousa Alvim, foi marquesa de Monte Alegre pelo casamento com José da Costa Carvalho, viúvo de D. Genebra de Barros Leite;
- 3- Maria Inocência de Sousa, casada com o Dr. Bernardo Pereira da Fonseca Campeão (1793/1834), lente de Patologia e Medicina Interna, primeiro director da Real Escola de Cirurgia do Porto, director e médico chefe do Hospital Militar do Porto, fervoroso apoiante de D. Miguel, cujo exército serviu como tenente.

Fontes:

- Instituto D. Ana Rosa - História da Família Souza Queiroz – vol 2.
Idem – Família com Projecto.
Ibidem – Álbum de Família Souza Queiroz.
Queiroz, Luís Roberto de Souza - Dicionário de Família e Dicionário de Família Aumentado.
Araújo, Maria Lucília Viveiros - A casa Sousa, um modelo de acumulação mercantil da América Portuguesa.
Taunay, Afonso E. de, - História colonial da cidade de São Paulo no século XIX.
Idem – História do Café no Brasil.
Luís d'Alincourt – Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá.
Mattos, Renato de – Política, administração e negócio na capitania de São Paulo e sua inserção nas relações mercantis do Império Português (1788-1808).
Vidigal, Geraldo Vidigal – O Marquês de Monte Alegre.
Silva, Áurea Pereira da - Engenhos e fazendas de café em Campinas (séc. XVIII-séc. XX).
Fortes, Cláudio – Francisca Miquelina de Sousa Queirós – Jornal Brasileiro de Cultura.
Arquivos Distritais do Porto e de Lisboa – Assentos paroquiais das freguesias de S. Gonçalo, Gatão e Sanche – Amarante e Santo Ildefonso (Porto) e S. Paulo (Lisboa).
Arquivo Histórico Ultramarino
Instituto dos Arquivos Nacionais - Torre do Tombo.
Wikipédia – Vários artigos.

Créditos fotográficos:

- 1- Avenida Brigadeiro Luís António – Postal de inícios do séc. XX – saopauloantiga.com.br
- 2- Idem – Google street
- 3- Rua do Seixedo, Amarante – Pormenor de desenho de Mário Reis
- 4- Tropeiros - Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba
- 5- Rua do Ouvidor – Instituto Moreira Salles
- 6- Fazendas Atibaia e
- 7- S. Vicente – extraídas da obra citada em fontes de Áurea Pereira da Silva
- 8- Brasão de Luís António de Sousa e dos barões de Sousa Queirós e de Limeira - Wikipédia
- 9- Igreja de S. Gonçalo, S. Paulo – Google street
- 10- Igreja e antigo hospital de Misericórdia de Amarante – Arquivo do autor
- 11- Francisca Miquelina de Sousa Queirós - Museu Paulista da Universidade de S. Paulo
- 12- Ilídia Mafalda de Sousa Queirós – Geni
- 13- Francisco António - Museu Paulista da Universidade de S. Paulo
- 14- Luís António de Sousa Queirós - Geni
- 15- Vicente de Sousa Queirós - Geni
- 16- Genebra de Barros Leite – Museu Paulista da Universidade de S. Paulo
- 17- Fazenda Santa Genebra – Museu Paulista da Universidade de S. Paulo
- 18- Rua de Santa Catarina – Google street
- 19- Brasão da casa nº 53 da Rua de Santa Catarina – Guilherme Bomfim Barreiros – Arquivo Municipal do Porto
- 20- Coronel Francisco Inácio de Sousa Queirós – Museu Paulista da Universidade de S. Paulo

Notas:

- ⁱ "Luiz Antonio filho legitimo de Joze Luiz, e de sua mulher Anna Maria de Macedo da Rua do Seyxedo desta Freguezia de Sam Gonçallo da Villa de Amarante neto pella parte Paterna de Manoel Francisco e de sua mulher Maria de Sampayo ia defuntos da Freguezia de Santo Izidoro de Sanche da Comarca de Villa Real, e pella materna de Manoel Teyxeyra Florido, e de sua mulher Luiza de Souza naturaes da Freguezia de Sam Joam de Gatam, e moradores em a Rua nova desta mesma Villa e Freguezia; nasceu em os sete dias do mez de Janeyro do anno de mil seteçentos sincoenta, e sinco annos e foy Baptizado solememente nesta Parochial igreja de Sam Gonçallo em os doze dias do sobredito mez e anno por mim o Padre Silvestre Cerqueyra Ribeyro cura desta freguezia e teve os Santos olleos. Foram Padrinhos o Padre Manoel Preyra Barboza e Maria Thereza solteira, Filha que ficou de Manoel Pinto Gomes da mesma Rua do Seyxedo desta Villa; testemunhas Joze Carvalho filho de Manoel Carvalho do pe da Senhora d'ajuda, e Joam Ribeyro meus fregueses, que comigo aqui assignaram em o dia, mês, e anno supra. O cura Silvestre Cerq.^o Ribr.^o" - Arquivo distrital do Porto – PT-ADPRT-PRQ-PAMT33-001-0011_m0075.
- ⁱⁱ No processo de justificação de nobreza para obtenção de Carta de Brasão de Armas requerido em 1820 por Francisco António de Sousa Macedo e Queirós (Instituto dos Arquivos Nacionais /Torre Tombo – PT-TT-CR-D-A-004-0053-00007), encontra-se apenas uma certidão de casamento, celebrado a 4-9-1721, de um Manuel Teixeira, natural de Telões, com uma Luísa de Sousa, natural de Amarante, que, apesar da coincidência de nomes e proximidade cronológica, não podem ser os seus avós maternos, pois tanto no seu assento de baptismo, como no dos irmãos, estes avós são dados ambos naturais de Gatão.
- ⁱⁱⁱ "É tradição entre os descendentes que o brigadeiro anunciou pagar pequeno juro anual àquele que às suas burras de negociante rico quisessem recorrer, nelas desejando depositar quantias que ali ficassem como se jóias ou documentos fossem. Girando com os capitais de seus correntistas, cada vez mais avultados, à medida que se alargava o prestígio de sua fortuna, deles tirou o maior proveito, além da gratidão dos depositantes. Entusiasmados com a invenção do opulento devedor, em quem depositavam a maior confiança, manifestavam o reconhecimento comemorando o recebimento dos juros dos depósitos com a oferta ao generoso banqueiro de, às vezes, valiosos presentes" -Taunay, Afonso de E.- *História colonial da cidade de São Paulo no séc. XIX.*
- ^{iv} Manuel Caetano de Sousa nasceu a 17-5-1753. Foi casado com Maria Josefa da Maia e viveu na Rua de S. Gonçalo, Amarante, onde tinha casa de negócio. Faleceu com testamento a 19-1-1826, não deixando filhos. Os outros irmãos eram Margarida Rosa, casada com Manuel António Ribeiro Ferreira, e António José de Sousa.
- ^v Taunay, Afonso de E. de, - *História colonial da cidade de São Paulo no século XIX.*
- ^{vi} "Carta de Sesmaria confirmada por S.A.R. ao Coronel Luís António de Sousa de três léguas de terra de comprido e uma de largo, na Barra que faz o rio Sorocaba no Tietê, do distrito da Vila de Porto Feliz" – Extracto do documento transcrito in "Dicionário de Família Aumentado".
- ^{vii} Luís d'Alincourt – *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá.*
- ^{viii} Documento publicado em *O Estado de S. Paulo* e citado in "Família com Projecto" – Instituto D. Ana Rosa.
- ^{ix} "...no dia 5 de Fevereiro [de 1822]; entrada da Galera Portuguesa, Maria Primeira, Capitão José Joaquim Botelho, vinda do Rio de Janeiro com 75 dias de viagem ...Traz cinco Deputados em Cortes pela Provincia de S. Paulo...o Desembargador Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva = Padre Diogo Antonio Feijó = Nicolao Pereira de Campos Vergueiro = Antonio Manoel da Silva Bueno = Antonio Paes de Barros." Diário do Governo nº 33 de 8 de Fevereiro de 1822.
- ^x Fortes, Cláudio – "Francisca Miquelina de Sousa Queirós" – *Jornal Brasileiro de Cultura* – S. Paulo 2004.
- ^{xi} Nas igrejas de Amarante, actualmente existentes (S. Gongalo, S. Pedro e Misericórdia) não se encontra o dito brasão. A ser verdade é possível que estivesse colocado na igreja do convento de S. Francisco, que foi demolido, e onde foram sepultados alguns membros da família.
- ^{xii} Transcrito in "Álbum de Família Souza Queiroz".
- ^{xiii} Transcrito in "Dicionário da Família Aumentado".
- ^{xiv} Testamento do brigadeiro Luís António de Sousa – Extracto do transcrito in "Dicionário da Família Aumentado".
- ^{xv} "No dia oito de Agosto de mil oitocentos e trinta e sette no Caes do Sodré Nº 11 – 1º andar falleceu de repente, e sem sacramentos D. Genebra de Barros Leite, natural da Provincia de S. Paulo, no Reino do Brazil, de idade de sincoenta e quatro annos, casada com Jose da Costa Carvalho em segundas nupcias. Não fez testamento; deixou filhos do primeiro matrimonio, e foi enterrada no dia seguinte no Cemiterio dos Prazeres. Parochial de S. Paulo de Lisboa, 9 de Agosto de 1837. O Parocho José da Rocha Martins Furtado" – Arquivo Distrital de Lisboa - PT-ADLSB-PRQ-PLSB49-003-05_m0815
- ^{xvi} Arquivo distrital do Porto – PT-ADPRT-PRQ-PAMT33-001-0011_m0100.
- ^{xvii} Luís d'Alincourt – *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá.*
- ^{xviii} Instituto dos Arquivos Nacionais /Torre Tombo – PT-TT-MCO-A-C-003-006-0003-00023
- ^{xix} Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto – Vol. XX – 1957 Fasc.s 1,2 pág. 119 a 122 e nota 26 a pág. 138
- ^{xx} Instituto dos Arquivos Nacionais /Torre Tombo – PT-TT-CR-D-A-002-0008
- ^{xxi} "O Coronel Francisco Antonio de Sousa cazado com Dona Izabel Ignacia da Conceição da rua de Santo Andre falleção com todos os Sacramentos aos desassete de Outubro de mil oito e vinte hum, foi sepultado nesta Igreja, fes testtamento [sendo] testamenteira sua dita mulher, e em segundo lugar Antonio Teixeira Machado morador na mesma rua, e em terceiro lugar Antonio Manoel da Costa Guerreiro Irmão de que fis este assento. O coadjutor Jose Pinheiro Monteiro" - Arquivo Distrital do Porto – PT-ADRPT-PPRT12-003-0017_m00335
- ^{xxii} "... foram padrinhos Francisco Inácio de Sousa, estudante de Coimbra, e Maria Josefa da Maia, casada com Manuel Caetano de Sousa, da Rua de S. Gonçalo, e este assistiu a este acto com procuração do sobredito Francisco Inácio de Sousa, seu sobrinho..." Arquivo Distrital do Porto – PT-ADRPT-PRQ-PAMT33-001-0013_m00151
- ^{xxiii} Arquivo Histórico Ultramarino - PT/AHU/CU/023-001/0066/05096
- ^{xxiv} Arquivo Histórico Ultramarino - PT/AHU/CU/023-001/0065/04952
- ^{xxv} Arquivo Distrital do Porto – PT-ADRPT-PPRT12-003-0017_m00501
- ^{xxvi} Arquivo Distrital do Porto – PT-ADRPT-PPRT12-001-0039_m01075
- ^{xxvii} Arquivo Distrital do Porto – PT-ADRPT-PPRT12-001-0039_m01192
- ^{xxviii} Arquivo Distrital do Porto – PT-ADRPT-PPRT12-002-0026_m01068